



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Promover a Folkcomunicação e a Diversidade para Superar as Crises¹

Jane Márcia P. MOURA²
Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM
Jorge Edson GARCIA³
Ministério da Cultura, DF

Resumo

O presente artigo é oriundo de pesquisa sobre a aplicabilidade da folkcomunicação em situações de crises que afetam as ecologias ambientais, sociais e culturais, e atingem frontalmente os esforços dos governos e das sociedades para garantir e ampliar o exercício da diversidade. Abrange os canais de comunicação e veículos de mídia tradicionais ou alternativos, materiais ou virtuais envolvidos pelas intermináveis crises do capital. Discorre sobre as manifestações culturais populares encontradas na base da folkcomunicação que não vislumbram êxito na concorrência desigual com as multinacionais da indústria cultural. Trata da contribuição que a diversidade e a folkcomunicação emprestam ao enfrentamento das crises ao disseminar o respeito às diferenças e promover o desenvolvimento.

Palavras-chaves: crise; cultura; desenvolvimento; diversidade; folkcomunicação.

Introdução

Provavelmente, quando da formulação do conceito de folkcomunicação, Luiz Beltrão não imaginou que ele poderia abranger outros usos além do estudo das formas de comunicação popular. Na sua perspectiva, folkcomunicação é “(...) o processo de intercâmbio de informações e manifestações de opiniões, ideias e atitudes da massa, através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore” (BELTRÃO, 2001, p. 79), conceito que desenvolveu analisando a teoria do fluxo de comunicação em

¹ Trabalho apresentado no GP Folkcomunicação e Desenvolvimento Local da XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

² Doutoranda em Biotecnologia na Universidade Federal do Amazonas - UFAM, Especialista em Inovação e Difusão Tecnológica, Bacharel em Administração de Empresas.

³ Mestre em Desenvolvimento Regional, Especialista em Gestão Cultural e Bacharel em Ciências Sociais.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

massa de duas etapas, criada por Paul Lazarsfeld e Elihu Katz no livro *Influência Pessoal* (1955). Lazarsfeld e Katz (1955) concluíram que as reações das pessoas às mensagens da mídia são mediadas pela comunicação interpessoal com membros do seu ambiente social, e suas decisões e comportamentos influenciados fortemente pela família, amigos, associações profissionais, filiações religiosas e grupos culturais.

Podemos, inclusive, admitir que a folkcomunicação e a diversidade contribuem para explicar os ambientes de crises existentes, além de representar um caminho alternativo para superá-las. De tempos em tempos, os países enfrentam diferentes tipos de crises que impactam direta e indistintamente as sociedades globalizadas, promovendo súbitas mudanças nos comportamentos das pessoas e nos hábitos de consumo. Seus efeitos são percebidos também na mídia, na política, nas instituições, nas ideias e nas relações que as sociedades mantêm com seus costumes, práticas e manifestações culturais. Não há, portanto, como rejeitar a ideia de que as crises afetam as ecologias ambientais, sociais e culturais. Mais ainda, atingem frontalmente os esforços dos governos e das sociedades para garantir e ampliar o exercício da diversidade de gênero, étnica, religiosa e cultural nos canais de comunicação e veículos de mídia tradicionais ou alternativos, materiais ou virtuais.

Cultura, comunicação e folkcomunicação

Habitualmente, assistimos as formas estereotipadas como os grupos sociais das periferias, em situação de risco ou de baixa renda são representados nas produções de comunicação de massa, rotulando pessoas, manifestações culturais e fortalecendo ideias no imaginário popular. Consequentemente, essas informações dão origem a diferentes ambientes de antagonismos sociais e culturais, colocando em confronto pontos de vista antagônicos sobre a mesma realidade, e estimulando o surgimento e a adoção de formas populares e inovadoras de comunicação. Por exemplo, o cordel, o rap, o desafio, o funk, o grafite, a dança de rua e tantas outras formas de comunicar e compartilhar informações que são desprezadas ou manipuladas pelos canais convencionais de mídia. Com recursos próprios as manifestações culturais criam estratégias e formatos originais para se comunicar com seu público, com quem compartilha uma visão de mundo,



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

costumes e conhecimentos. Como observa Marques de Melo (2008, p. 57), “as tradições comunicacionais das populações marginalizadas sobrevivem às inovações tecnológicas, demonstrando capacidade de resistência cultural, no tempo e no espaço”.

Conforme nos lembra o professor Osvaldo Trigueiro⁴, um dos campos de estudo da folkcomunicação “é compreender as mediações articuladas estrategicamente pelas empresas de mídia nos processos de apropriação e incorporação dos contos e lendas tradicionais na produção e veiculação de suas campanhas comerciais”. Razão pela qual a comunicação popular necessita criar, conservar e difundir suas histórias em formatos diferenciados, podendo integrar e fazer uso das modernas ferramentas de produção, comunicação e divulgação, como os computadores, celulares, internet, impressão, gravação e distribuição digital. Assim, conciliando o tradicional com o tecnológico, a diversidade contorna barreiras ideológicas e mercadológicas impostas pelas multinacionais das mídias e as empresas transnacionais das comunicações, conservando suas principais raízes, mas também se reconfigura para se comunicar com as novas gerações num mundo submerso em crises sociais, culturais, ambientais e econômicas.

Crises que colocam os governos, as empresas e as sociedades diante de um dilema, pois pesquisas mostram que justo a(s) diversidade(s) pode(m) ser a saída para superá-las. Estudo da Harvard Business Review (2016), com cerca de 700 empresas americanas, indicou que políticas de diversidade na contratação dos seus colaboradores tornaram-nas mais competitivas e inovadoras. Essa pesquisa revelou que companhias que privilegiam a diversidade têm 45% a mais de chances de aumentar a sua participação no mercado, quando comparadas com outras que não o fazem. No Brasil, a pesquisa *Perfil Social, Racial e de Gênero das 500 Maiores Empresas do Brasil e Suas Ações Afirmativas* de 2016, patrocinada pelo Instituto Ethos em parceria com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID)⁵, evidenciou que somente 13,6% dos executivos são mulheres e 4,7% são negros (as), conquanto 43,1% contam com políticas para a inclusão de pessoas com deficiência.

⁴ Disponível em <http://meiratrigueiro.blogspot.com/2016/09/contos-e-lendas-no-contexto-da.html>. Acesso em 12 de maio de 2018.

⁵ Disponível em https://www3.ethos.org.br/wp-content/uploads/2016/05/Perfil_Social_Tacial_Genero_500empresas.pdf. Acesso em 21 mar.2017.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Confrontando essas duas pesquisas, percebe-se que a diversidade ainda não é um tema comum às corporações brasileiras, o que demonstra o quanto a exclusão de gênero e étnica estão inscritas na gestão dos negócios, limitando as possibilidades de trocas culturais e de compartilhamento de experiências de formas de comunicação em diferentes contextos. Ampliando a visão sobre essa questão vislumbra-se o quanto é homogêneo e uníssono o perfil de uma corporação que exclui a diversidade dos locais de discussão, de reflexão e de decisão, não raro privilegiando maneiras tradicionais de compreensão de mundo e fortalecendo ideias ultrapassadas sobre os costumes, os saberes e as tradições culturais dos seus colaboradores e do seu público-alvo. Difícil entrever diálogo criativo nesse espaço, onde subjaz a busca irrefreável da lucratividade. Para Furtado (1964, p. 14), “a essência do pensamento dialético está na ideia simples de que o todo não pode ser explicado pela análise isolada de suas distintas partes”. A dialética se manifesta num ambiente composto de diferentes partes, com características distintas, complementares e preferencialmente sinérgicas. Observadas as proporções, significa dizer que a diversidade é intrínseca à dialética, que ambas se retroalimentam mantendo suas particularidades ao mesmo tempo em que criam novas possibilidades.

Respeitadas as distinções conceituais e metodológicas, pode-se ambicionar uma aproximação desse pensamento furtadiano com o de Luiz Beltrão, pois a pesquisa dos meios de comunicação de massa e suas formas de interação com o público dedicam-se, em parte, a estudar o comportamento de diferentes atores nas configurações estabelecidas entre emissor e receptor de mensagens. Ou seja, uma configuração minimamente dialética. Beltrão não ocupava apenas com a televisão e o rádio, mas também com gestos, símbolos e representações de distintas visões de mundo, como os desenhos rupestres em cavernas que serviam para comunicar, multiplicar e conservar informações. No seu entendimento, existem meios de comunicação informais adotados por grupos sociais que interferem na opinião pública, que modificam a compreensão dos acontecimentos a partir de outra lógica, que são capazes de alterar as manifestações sociais, culturais, econômicas e políticas. Fenômeno que denominou de folkcomunicação.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Como se processa o florescer da informação, transmutada em opinião, pode-se observar na sátira, na crítica, na caricatura, no símbolo de que estão plenos os entretenimentos, folguedos, autos populares, a pintura e a escultura e até mesmo a mais doméstica e tradicional das artes brasileiras – a confeitaria, como bem registrou Gilberto Freyre. (BELTRÃO apud MARQUES DE MELO, 2001, p. 209).

Diversidade, globalização e crises

Nessa perspectiva, é plausível que a diversidade contribua para tecer soluções às crises, minimizando impactos negativos na economia, na política, nas instituições e entre grupos culturais particulares, e até engendrar convergências e/ou consensos entre ideologias distintas. Segundo o dicionário Michaelis⁶, diversidade significa “qualidade daquilo que é diverso... conjunto que apresenta características variadas, multiplicidade”, portanto, pode-se mobilizar esse vocábulo para se referir tanto à diversidade ambiental quanto à diversidade cultural. Ao associá-lo à cultura constata-se a multiplicidade de manifestações, bens, patrimônios e serviços que moldam os modos de vida de diferentes povos, cujas formas de fazer, viver e sentir as suas culturas configuram os ambientes onde vivem e os distinguem dos demais. Para o Plano Nacional de Cultura (PNC)⁷, instituído pela Lei 12343/2010,

Art. 3º Compete ao poder público, nos termos desta Lei:

IV - proteger e promover a diversidade cultural, a criação artística e suas manifestações e as expressões culturais, individuais ou coletivas, de todos os grupos étnicos e suas derivações sociais, reconhecendo a abrangência da noção de cultura em todo o território nacional e garantindo a multiplicidade de seus valores e formações;

Constituinte do meio ambiente cultural, a diversidade cultural brasileira é protegida também pelo artigo 216, da Constituição Federal de 1988, que explicita: “Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira (...)”. Esse sistema

⁶ Disponível em <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=diversidade>. Acesso em 23 mar. 2017.

⁷ Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6938.htm. Acesso em 23 mar. 2017.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

de normas não guarda restrição a qualquer tipo de bem a ser determinado como patrimônio cultural, sendo eles materiais ou imateriais, singulares ou coletivos, móveis ou imóveis. Porém, segundo Álvarez (2008, p.69), as políticas culturais de salvaguarda à diversidade cultural, assim como os mecanismos de fomento à produção cultural, “são considerados incompatíveis com os dispositivos inerentes ao espírito dos acordos de livre-comércio bilaterais e multilaterais”.

De acordo com essa autora, as políticas públicas de cultura variam de um país para outro, mas podem ser classificadas em duas categorias: as financeiras e as regulatórias. As financeiras referem-se às subvenções, empréstimos e isenções fiscais. As regulatórias incluem restrições quantitativas como quotas de mercado interno, assim como qualitativas que delimitam aos empresários nacionais a propriedade de empresas culturais e de mídia em seu nome. Nesse sentido, as políticas culturais que incluem a concessão de subsídios ao processo de produção e distribuição cultural são consideradas, por alguns países desenvolvidos, contrárias ao livre comércio e questionadas no âmbito da Organização Mundial do Comércio (OMC) (ÁLVAREZ, 2008). Em economias em desenvolvimento como no Brasil, por exemplo, as políticas culturais servem para incentivar a atividade cultural e reservar parte do mercado local aos produtos nacionais. Não fossem essas medidas, ainda que frágeis e em construção, a diversidade cultural, os espaços e os mercados de circulação e veiculação nacional já estariam integralmente em poder das grandes corporações internacionais do entretenimento, da mídia e da comunicação.

Historicamente, a diversidade enfrenta inúmeras dificuldades para a sua conservação, valorização e promoção por descumprimento das legislações existentes, a especulação de territórios tradicionais, a invasão de espaços sagrados, a ausência de proteção e de investimentos dos órgãos públicos, além do desrespeito de empresas transnacionais e de governos estrangeiros aos acordos de defesa e cooperação em favor da diversidade cultural (idem ambiental). Concorre também o avanço acelerado das tecnologias da informação e da comunicação que ignoram as barreiras geográficas, políticas, sociais e econômicas, ocasionando significativas alterações – algumas irreparáveis – em complexos sistemas socioambientais e socioculturais, afetando a tudo



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

e a todos. Consequentemente, atingem as comunidades e os grupos culturais mais vulneráveis, via de regra menos organizados e pouco representados nos espaços de decisão política e econômica, causando crises que conduzem a fragmentação, a ressignificação e até a extinção dos seus modos de vida. Cite-se, a construção da usina de Belo Monte, em Altamira (PA), que desalojou ao menos cinco etnias indígenas e destruiu parte significativa da biodiversidade; ou ainda, a disputa pelo território da secular comunidade do Cajueiro, em São Luis (MA), área que sediou o Terreiro do Egito – um dos primeiros locais de culto afro do Maranhão – e que luta pela criação da Reserva Extrativista do Tauá-Mirim, ameaçada pela construção de um terminal portuário privado.

Similarmente, as crises contribuem para solapar o direito ao trabalho, a educação e o usufruto dos patrimônios culturais tangíveis e intangíveis, ameaçando a diversidade e afetando a sociedade. Os seguidos cortes orçamentários nas áreas culturais causam desemprego, fecham equipamentos culturais, interrompem obras e impactam negativamente a prática da educação patrimonial, o cumprimento dos direitos culturais e o exercício da cidadania. Criado em 2013, o PAC Cidades Históricas (Programa de Aceleração do Crescimento) é uma ação governamental de recuperação e revitalização dos sítios históricos urbanos reconhecidos pelo Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) em 44 cidades de 20 estados, com investimento em obras de restauração de R\$ 1,6 bilhão⁸. No entanto, bloqueios sucessivos no orçamento têm comprometido o andamento dos projetos, a exemplo do contingenciamento de R\$ 16,2 bilhões anunciado no começo de 2018 pelo governo federal.

De outro modo, os cenários de crises suscitam conflitos comerciais, bélicos, étnicos e até culturais, frequentemente originados na pirataria, na patente internacional de recursos naturais estrangeiros ou na expropriação dos saberes de povos e comunidades tradicionais. Recentemente, a imprensa amazonense noticiou que cientistas brasileiros ficaram impedidos de prosseguir e publicar suas pesquisas sobre o

⁸ Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/235>. Acesso em 06 abr. 2017.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

jambu⁹, isto porque multinacionais farmacêuticas e cosméticas registraram a patente das propriedades terapêuticas dessa planta que é típica da região amazônica, comumente do Pará. Não raro, as crises são subterfúgios à violação dos tratados bilaterais e/ou multilaterais, dos direitos humanos e das fronteiras dos países que litigam por causas “sagradas”.

Intencionando harmonizar essa situação, vários acordos foram e são habitualmente constituídos entre grupos sociais, empresas e governos para mitigar os danos dessas crises. Entre os resultados estão a Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural (1972)¹⁰, a Convenção para Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial¹¹ e a Convenção sobre a Proteção e a Promoção da Diversidade das Expressões Culturais (2005)¹². Teoricamente, são pactos multilaterais ratificados pelos governos, assumidos pelas empresas e disseminados nos grupos humanos para que as diversidades sejam valorizadas, preservadas e compartilhadas. Subjacente a essas convenções, existe a premissa de que as ameaças às diversidades afetam o progresso social, político, ambiental e econômico, mas se inversamente forem apreciadas podem alavancar e dinamizar o desenvolvimento sustentável e inclusivo. Argumentos fáceis de serem assimilados, mas com pouca ou nenhuma aderência na realidade, verificados em estudos inter e multidisciplinares que confirmam a segregação de agrupamentos sociais e culturais distintos, acentuada pelas crises.

Importantes do ponto de vista diplomático e na defesa das causas humanitárias, essas convenções internacionais foram insuficientes para frear as diásporas culturais modernas¹³ causadas pelas acirradas disputas de territórios, intermináveis confrontos religiosos, concorrências comerciais e bélicas desiguais, agravamento dos problemas climáticos, intolerância racial e de gênero, além do

⁹ Disponível em <https://oreporter.wordpress.com/arquivo/edicao-da-semana-4/jambu-amazonense-agora-e-patente-americana/>. Acesso em 30 maio 2018.

¹⁰ Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001333/133369por.pdf>. Acesso em 23 mar. 2017.

¹¹ Disponível em <http://www.unesco.org/culture/ich/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF.pdf>. Acesso em 07 abr. 2017

¹² Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001502/150224por.pdf>. Acesso em 23 mar. 2017.

¹³



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

isolamento de países e continentes imposto por barreiras diplomáticas. Cenários políticos, sociais, culturais e econômicos que afetam as identidades culturais, por vezes sutilmente, mas que transmutam o que muitos povos eram originalmente. Constatação apresentada Hall (1996), “(...) as identidades culturais provêm de alguma parte, têm histórias. Mas, como tudo o que é histórico, sofrem transformação constante” (p. 69).

Ocorre que essas transformações não são propriamente causadas por acontecimentos históricos, àqueles que rompem com a realidade dominante e “são portadores de significados emergentes, constituintes, destinados a fazer história em vez de a reproduzir” (SANTOS, 2006). Diferentemente, são ataques arrogantes, violentos e oportunistas que objetivam vilipendiar e/ou subjugar povos, economias e culturas, criando condições artificiais para tolher a presença de países em desenvolvimento nos circuitos ditos desenvolvidos e globalizados. Ambiente que aprisiona diferentes manifestações culturais em seus territórios, impedindo a liberdade de manifestação, a conexão e o compartilhamento de expressões culturais entre os povos.

Assim, numa sociedade conturbada e ávida por soluções fáceis, os tradicionais mecanismos de comunicação têm amplificado o poder destruidor das crises, empurrando cada vez mais as manifestações culturais e populares para as periferias, sufocando-lhe e limitando a sua visibilidade. Nesse cenário, a folkcomunicação tem função primordial ao conferir voz aos excluídos dos potentes meios de comunicação e mídia, promovendo o enfrentamento aos discursos predominantes que são eficientes e assertivos, que dominam o mercado mundial e impõem a sua forma padronizada de produção, comercialização e disseminação da informação e da produção cultural. Segundo Beltrão (1980), folkcomunicação é,

O conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, ideias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e de meios direta ou indiretamente ligados ao folclore (BELTRÃO, 1980, p.24).

Essa conjuntura atinge significativamente a diversidade cultural, as formas sociais e culturais de organização de povos tradicionais, pois as crises forjadas pelos mercados globais do capital não excluem as atividades artísticas e culturais, visto que



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

fomentam a constituição de uma rede mundial de fomento, criação e veiculação dos produtos culturais que monopolizam o mercado da comunicação, do entretenimento, da internet e dos dispositivos digitais. São corporações multinacionais detentoras dos principais mercados, que monopolizam os veículos de circulação de áudio, vídeo, games, livros, internet e meios de distribuição de conteúdos privados.

Realidade que ofusca as tradicionais formas de relação, comunicação e negócio dos mestres (as), artistas, artesãos (ãs), produtores, gestores e artífices das culturas populares e tradicionais dos povos excluídos do circuito global dominado pelas *majors* que operam o *mainstream* dos setores de comunicação e entretenimento.

Nesse sentido, a folkcomunicação ganha importância no campo de estudo das culturas populares e da cultura de massa, ao suscitar análises compreensivas sobre a influência da tradição popular nas comunicações de massa.

Ele (o popular) não pode ser fixado num tipo particular de produtos ou mensagens, porque o sentido de ambos é constantemente alterado pelos conflitos sociais. Nenhum objeto tem o seu caráter popular garantido para sempre porque foi produzido pelo povo ou porque este o consome com avidez; o sentido e o valor populares vão sendo conquistados nas relações sociais. É o uso e não a origem, a posição e a capacidade de suscitar práticas ou representações populares que confere a identidade (CANCLINI, 1983, p. 135).

Envolvidas pelas intermináveis crises do capital, as manifestações culturais populares encontradas na base da folkcomunicação não vislumbram êxito na concorrência desigual com as multinacionais da indústria cultural. Condição acirrada pelas ameaças aos seus territórios por questões bélicas, climáticas, econômicas e até religiosas. Semelhante ao apagamento cultural à época das descobertas marítimas de Pedro Álvares Cabral e de Cristóvão Colombo, comandantes que singraram os mares em busca de riquezas e terras a dominar, o século XXI tem ainda nações e agrupamentos culturais que lutam para conservar suas tradições. Indígenas, quilombolas, kalungas, ribeirinhos, ciganos e outros povos tradicionais tentam escapar ao estereótipo e criam formas originais de proteger e conservar suas manifestações sociais e culturais. Um desses abrigos está na folkcomunicação, adotada como estratégia



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

de resistência e ferramenta de disseminação dos hábitos e costumes culturais desses grupos sociais. Isso porque a especificidade das culturas populares não deriva somente da apropriação daquilo que a sociedade possui como diferente, mas do fato de que o povo produz no trabalho e na vida formas específicas de representação, reprodução e reelaboração simbólica das suas relações sociais (CANCLINI, 1983).

Entre essas a folkcomunicação serve ao teatro, a música, a literatura, a dança e outras que faz veicular as ideias, necessidades e visão de mundo daqueles esquecidos da grande mídia e poucas vezes lembrados das políticas públicas.

Conclusão

Com um quadro de crises cada vez mais agudas, se ampliam os conflitos econômicos e culturais, pois institucionalizam disputas comerciais em torno da diversidade que hipoteticamente deveria forjar acordos de cooperação entre países e promover a união dos povos. Fomentar políticas de salvaguarda das diversidades culturais significa respeito às diferenças e reconhecimento da capacidade de interação umas com as outras, numa sociedade globalizada. Como sublinha Álvarez (2008, p. 30), a “maioria das sociedades contemporâneas é multicultural, multiétnica ou mestiça, o que significa dizer que a enorme variedade de identidades simbólicas e expressivas as caracteriza”. Sobre o risco do estabelecimento de um padrão mundial de cultura, pondera essa pesquisadora que essa interação não implica na eliminação da diversidade,

[...] ao contrário, provê o contexto para a produção de novas formas culturais, as quais estão marcadas por especificidades locais e evoluem em um processo virtuoso e dinâmico a partir dos *inputs* que recebem, perfazendo o eterno ciclo de recriação e reprocessamento, que é próprio da cultura. (ÁLVAREZ, 2008, p. 31).

Concluindo, é oportuno que as crises suscitem na sociedade, no empresariado e na política o debate sobre quais contribuições as diversidades podem emprestar para superar essa circunstância – cíclica, estrutural ou sistêmica. É estratégico admitir a colaboração da folkcomunicação na conservação da diversidade, para desenvolver



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

análises contextuais e instituir grupos de estudos objetivando avaliar a sua participação na superação das crises.

Para Rubim (2011), uma alternativa é a democratização e a ampliação das políticas culturais que privilegiam a diversidade de criação, pois “cabe imaginar – a imaginação em tempo de crise é fundamental – um novo e ativo papel para o Estado” (RUBIM, 2011, p. 23). As crises, localizadas ou globalizadas, podem gerar as oportunidades para ampliar o campo das políticas públicas de cultura, a identificação de potenciais endógenos para novos modelos de desenvolvimento, assim como alçar esse setor a um espaço de discussão mais privilegiado. E, enquanto houver quem produza cultura e mobilize as estratégias de folkcomunicação, a diversidade cultural será a única “*commoditie*”¹⁴ com matrizes inesgotáveis, dado o excesso de oferta de criatividade instalada em diversos setores artísticos.

¹⁴ Aqui entendida como matéria-prima de grande importância, que possui escala universal, apresenta pequeno grau de industrialização, possui mercado em âmbito global e pode ser estocada sem perda de qualidade.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

REFERÊNCIAS

ÁLVAREZ, Vera Cíntia. **Diversidade cultural e livre-comércio: antagonismo ou oportunidade?** Brasília: UNESCO, IRBr, 2008. 292 p.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

_____. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias**. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

CANCLINI, Nestor Garcia. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

FURTADO, Celso. **Dialética do desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1964.

HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, nº 24, p. 68-75, 1996.

MARQUES DE MELO, J. (org.). **Regionalização midiática**. Taubaté: UNITAU, 2006.

RUBIM, Antônio Albino Canelas. **Crise e políticas culturais**. In: Cultura e desenvolvimento: perspectivas políticas e econômicas. BARBALHO, Alexandre *et al*, organizadores. Salvador: Edufba, 2011. 287 p.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um acontecimento histórico**. Carta Maior, 03 mar.2006. Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Coluna/Um-acontecimento-historico/19445>. Acesso em 31 de maio de 2018.